

A HUMANIDADE EM ISTAMBUL

Fora de série, algo diferente e singular são traduções possíveis para a expressão “Bir Baskadir”, título original da série turca concebida e dirigida por Berkun Oya e produzida pela Netflix em 2020. No Brasil, recebeu o nome de **8 em Istambul**, suposta referência aos oito personagens cujas vidas se cruzam por acaso ou circunstância ao longo da trama – em oito capítulos – ambientada em Istambul. Esta explicação para o título da série em português é um tanto equivocada, já que são ao menos 10 os personagens protagonistas desta trama singular. A eleição do título *Ethos* para a versão em língua inglesa convida muito mais ao que a história nos apresenta, como veremos.

Tanto por seus méritos cinematográficos quanto pelo roteiro e edição bem costurados e trabalho primoroso dos atores principais, **8 em Istambul** vem recebendo numerosas e calorosas resenhas e críticas. Há beleza e maestria nos enquadramentos de uma câmera sensível que entrelaça planos abertos, fechados e detalhes que vão construindo uma narrativa em mosaico. Nela, olhares, gestos e silêncios marcam os diálogos entre os personagens ao longo da trama, que se desenvolve num tempo lento, como que convidando à introspecção e a sentir a tristeza do adoecimento coletivo de uma nação dividida, mas também a acompanhar com esperança a jornada singular de autoconhecimento de cada protagonista em seus desafios de vida. É uma composição polifônica bem orquestrada e um convite a pensar as possibilidades de encontro e diálogo num mundo dividido e polarizado.

Neste texto de apreciação, minha perspectiva é a de uma espectadora que foi tocada pela sensibilidade de **8 em Istambul** em apresentar conflitos e tensões da Turquia contemporânea por meio da história de pessoas tão diversas quanto comuns. Esta perspectiva narrativa me convidou a refletir sobre a coexistência entre solidão e opressão como sintomas de um mundo adoecido, e a contínua, singular e universal busca humana por conexão, amor, respeito e liberdade. A série me levou também a revisitar alguns dos desafios de construir diálogos que abram possibilidades de reflexão sobre as nossas crenças e preconceitos, um tema ao qual me dedico há mais de 20 anos de trabalho como terapeuta, formadora e ativista em saúde mental.

Para deixar espaço à curiosidade a quem ainda não assistiu, apresento aqui apenas alguns dos personagens e seus dramas iniciais. Na primeira cena, em longa sequência sem diálogo, acompanhamos o trajeto de Meryem desde a periferia de aspecto rural onde vive, até o centro de Istambul, onde trabalha como empregada doméstica no moderno apartamento de um jovem *playboy* de classe alta que, descobriremos ao longo da trama, só consegue manter relações eventuais com mulheres e parece infeliz numa vida solitária e vazia de sentido. Dele, saberemos pouco mais até o final, pois a série não amarra nem resolve todas as histórias apresentadas e esse é um elemento também interessante da maneira como se desenvolve a narrativa: sobram perguntas, lembrando que há sempre mais nas vivências do outro do que podemos ver e compreender.

Sobre Meryem – jovem muçulmana, pobre e solteira – sabemos inicialmente que vem sofrendo desmaios repentinos de aparente fundo emocional, e por essa razão é

**CECÍLIA CRUZ
VILLARES**

*Instituto NOOS,
São Paulo/SP, Brasil*

encaminhada pelo neurologista a uma psicoterapia com a psiquiatra Peri, profissional educada fora do país e típica representante da elite econômica e intelectual de uma Turquia secular e identificada com o Ocidente.

A primeira consulta de Meryem com Peri evidencia o choque de culturas que se traduz na dificuldade da terapeuta de sustentar um diálogo com sua paciente. Somos introduzidos a uma sequência sem cortes de 15 minutos de conversação como se estivéssemos também dentro da sala de terapia, e a sensação de acompanhar a conversa como espectadores vai provocando um incômodo com a percepção da evidente distância dos mundos de onde as duas provêm. O efeito que produzirá em cada um (Peri, Meryem e espectador) esse primeiro encontro difícil, além de criar um bom clima emocional para a trama, é em si um convite a refletir como nos posicionamos diante destes temas e situações em nossas práticas. Do meu lugar de terapeuta atenta à violência que certos enquadres terapêuticos produzem nos pacientes, vi o esforço de Peri para conquistar a confiança de Meryem com um misto de empatia e rechaço. Senti vontade de dizer à terapeuta que escutasse a pergunta da paciente sobre como conseguiria sair da consulta a tempo de buscar a sobrinha na escola! Ao ignorar sua preocupação, Peri não pôde acolher nem explorar algo que indicava um aspecto relevante da vida daquela pessoa que se apresentava a ela. O que isso revela sobre a hierarquia e os níveis de poder nas distintas perspectivas dentro de um encontro terapêutico? Quanto contribui para reproduzir a discriminação diária a que são submetidos cidadãos de segunda classe em qualquer lugar do planeta?

O enquadre terapêutico de Peri evidencia a violência que se produz inadvertidamente quando, mesmo diante das melhores intenções, não se valida de onde vem o outro. O encontro vira confronto e não há espaço para negociar as condições mínimas de uma conversa terapêutica, começando por um acordo sobre o que é terapia. Sentimos a hesitação e a tensão que vão crescendo com a insistência de Peri em abordar algo sobre o que a sua interlocutora não quer falar, que culmina com o pedido da terapeuta para que Meryem não comente com o líder espiritual (Hodja) sobre o que será conversado em terapia, ao que a paciente responde, encerrando a conversa: – Vim aqui para melhorar, não para fofocar.

Esta densa sequência inicialmente dá a impressão de que a trama seguirá centrada no processo terapêutico, mas essa não é a única história que nos apresentará a série. Se prestamos atenção, Meryem nos introduz ali as pessoas importantes de sua vida e que, em seguida, aparecerão também como protagonistas nesta trama multifacetada. Essa complexidade é cativante, porque convida a sair da armadilha da polarização para propor um caminho de maior profundidade para conflitos que se apresentam inicialmente.

Nesse sentido, logo a seguir à cena da frustrante primeira sessão de terapia, vemos Peri angustiada em seu encontro de supervisão com Gülbin, consciente de seu preconceito, de sua raiva e impotência diante de uma cliente que representa, para ela, o conservadorismo e o retrocesso que vêm ganhando espaço em seu país.

– Ela é muito esperta, e fica falando de coisas insignificantes – diz à supervisora.

(Que preconceitos a levam a escutar as falas de Meryem como defendidas, superficiais, insignificantes?)

- O que vamos fazer? – Pergunta atormentada à sua supervisora.

(Silêncio).

A trama prossegue aprofundando a história da relação entre Meryem e Peri e desta com Gülbin, a supervisora. Agrega em camadas narrativas os conflitos e dramas dos núcleos familiares destas três protagonistas e também do núcleo familiar de Hodja, líder espiritual de Meryem. Em cada uma das histórias, há um convite para vermos além dos estereótipos, por exemplo, de Meryem como mulher muçulmana-submissa e reprimida, da cunhada Ruhiye como desequilibrada e subjugada, do marido Yasin como macho dominador e violento, da terapeuta Peri como mulher segura e independente. A cada aproximação, uma camada a mais de humanidade e complexidade, que finalmente nos surpreende com Hilmi – assistente de Hodja, ao surgir na história conversando com amigos numa mesa de bar sobre suas reflexões a partir das ideias do psicanalista austríaco Carl Jung. Porém, deste personagem encantador só direi que, mais uma vez, desafiará os preconceitos do espectador e os de Meryem também.

Cidade singular, situada em dois continentes, Istambul tanto une como separa dois mundos que colidem em um país em crescente divisão política e religiosa. O pano de fundo político, cultural e social da série está presente ao longo da trama, mas o convite da série é para que olhemos além de uma Turquia dividida entre seculares e religiosos. Quem sabe para que, ao encontrarmos e afrontarmos a solidão e as barreiras para dialogar com representantes de comunidades antagônicas, possamos nos apoiar numa consciência mais ampla e escutá-los como seres com conflitos, medos e traumas humanos.

O movimento de Meryem de abrir-se à psicoterapia é um evento singular e fora de série em sua vida porque a leva a confrontar mandatos e crenças para superar um problema. As outras histórias que irão se agregar ao longo da trama vão apresentar caminhos diversos e igualmente válidos para a resolução de conflitos e sofrimentos decorrentes de histórias de violência, trauma e luto. Esta é também uma provocação importante da série, porque embora apresente a psicoterapia de base analítica como caminho de autoconhecimento, não propõe que seja o único nem o melhor para as pessoas em sua jornada de superação de sofrimentos e traumas ou de resolução de conflitos para seguir a vida. **8 em Istambul** acolhe a válida singularidade de cada um e nos convida a ultrapassar os limites impostos por discursos políticos, culturais e sociais que empobrecem nossas interpretações e reduzem as compreensões dos problemas em formulações do tipo “nós x eles”.

Concluo retomando o título em inglês para a série: *Ethos* é uma palavra de origem grega cujo significado remete às crenças e ao conjunto de valores que orientam o modo de ser de uma cultura. Mas para além deste sentido, *Ethos* é também um conceito empregado em teoria do discurso, que remete a “como somos quando estamos em relação com o outro num discurso”, quando desejamos ser reconhecidos em nossa autoridade. Em outras palavras, *Ethos* diz respeito ao jeito de cada um, único e ao mesmo tempo alicerçado em valores social e historicamente construído em cada cultura, portanto, ao singular, mas compartilhável. A dimensão *Ethos* em **8 em Istambul** apela e toca a todos nós, humanos em qualquer parte do mundo, em nossa busca diária de (co)existir com o outro.

CECÍLIA CRUZ VILLARES

É terapeuta ocupacional pela FMUSP/SP; mestre em Saúde Mental pela Escola Paulista de Medicina da Unifesp. Associada efetiva e formadora do Instituto NOOS, São Paulo; Sócia- fundadora da ABRE – Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia, São Paulo/SP.

<https://orcid.org/0000-0002-1828-5767>

E-mail: civillares@gmail.com